



O CHÃO DA PALAVRA: CINEMA E LITERATURA NO BRASIL: A CULTURA CINEMATOGRAFICA E LITERÁRIA BRASILEIRAS SOB O OLHAR DE JOSÉ CARLOS AVELLAR

Matheus Oliveira Knychala Biasi*
Universidade Federal de Uberlândia – UFU
matheuskbiasi@yahoo.com.br

As primeiras produções cinematográficas, finais do século XIX e inícios do XX, possuíam forte influência das obras literárias e, ao contrário, as obras literárias, com o surgimento do cinema, reinventaram seus aparatos temáticos e estéticos. Assim, cinema e literatura fundiram-se um em favor do outro, no sentido de complementaridade. Não obstante, todas as artes sofreram, sob esta linha de raciocínio, algumas alterações influenciadas pelo advento das produções cinematográficas. Seu surgimento e conseqüente expansão repercutiram na música, da música para a literatura, da literatura para a pintura, da pintura para o cinema e, desta maneira, todos os elementos artísticos foram sofrendo alterações e, conseqüentemente, mudando as perspectivas uns dos outros.

Com esta linha de raciocínio, José Carlos Avellar inicia sua obra. Invocando Manoel de Barros e Nelson Pereira dos Santos, afirma que, “para fazer poesia [...] convêm primeiro passar os olhos pelo cinema [...]”.¹

Importante ressaltar que, para Avellar, a literatura já nos anos de 1930 tinha representatividade cultural como não o tinha o cinema ainda na década de 1950. Assim, sugere o autor: “para fazer cinema [...] convêm primeiro passar os olhos pela literatura

* Acadêmico do curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, integrante do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC) e bolsista de iniciação científica da FAPEMIG com o plano de trabalho intitulado **História-Literatura-Cinema: uma abordagem das obras *Incidente em Antares* livro e minissérie.**

¹ AVELLAR, José Carlos. **O chão da Palavra: cinema e literatura no Brasil.** Rio de Janeiro: ROCCO, 2007, p. 5.

[...]”.² Adiantando-se para a década de 1960, o autor já mostra um cinema que busca na literatura a sua inspiração. Nas palavras dele:

Para compreender melhor o entrelaçamento entre o cinema (em especial o que começamos a fazer na década de 1960) e a literatura (em especial a que começamos a fazer na década de 1920), talvez seja possível imaginar um processo (cujo ponto de partida é difícil de localizar com precisão) em que os filmes buscam nos livros temas e modos de narrar que os livros apanharam em filmes; em que os escritores apanham nos filmes o que os cineastas foram buscar nos livros; em que os filmes tiram da literatura o que ela tirou do cinema; em que os livros voltam aos filmes e os filmes aos livros numa conversa jamais interrompida.³

E acrescenta: “Talvez seja possível dizer que a idéia do cinema tão logo se concretizou na tela iluminou a literatura”.⁴

Nesses momentos iniciais, tanto no primeiro capítulo quanto no segundo **O Chão da Palavra**: cinema e literatura no Brasil nos apresentam elementos artísticos reveladores de um autor de admirável cultura e experiência sob seu campo de trabalho. Ele entrelaça elementos artísticos culturais de diversos países. Músicos de renome, com composições raramente conhecidas e estabelece um diálogo múltiplo com praticamente todas as artes. Literatura, teatro, cinema, música e artes plásticas fundem-se, por vezes possuindo um sentido único, possibilitado pela influência que uma tem sobre a outra.

Já em um terceiro momento, Avellar tece diálogos com a obra de Graciliano Ramos, **Vidas Secas**. Por meio dessa análise, o autor evidencia as interfaces possibilitadas pela relação cinema-literatura, já que Nelson Pereira dos Santos levou **Vidas Secas** para o cinema. Para ele, alguns aspectos da obra literária só podem ser explorados tendo em vista o uso da imagem, a qual se concretiza no cinema. Assim, há aspectos da realidade que somente as imagens podem representar, nas palavras do autor:

O que **Vidas secas** filme trouxe do **Vidas Secas** livro não foi só o que a obra de Graciliano provocou no imaginário do leitor Nelson, mas principalmente o impulso gerador da obra, sua idéia, seu ponto de partida tal como intuído por Nelson, a imagem (mental, não necessariamente visual) que gerou o livro, o que na obra existia antes da obra existir – sua vontade de ser, o que ela era antes de se fazer por intermédio do autor.⁵

² AVELLAR, José Carlos. **O chão da Palavra**: cinema e literatura no Brasil. Rio de Janeiro: ROCCO, 2007, p. 5.

³ Ibid., p. 8.

⁴ Ibid., p. 9.

⁵ Ibid., p. 45.

O que podemos perceber na leitura deste terceiro capítulo é que, para Avellar, Nelson Pereira dos Santos procurou “traduzir no filme o sentimento experimentado diante da seca e diante do livro”.⁶ Ainda nesta linha de raciocínio, tendo na literatura, na música, no teatro, no cinema, nas fontes especialmente artísticas, uma característica: a arte nos faz pensar e recriar a nossa própria arte. Idéias artísticas, quando chocadas com outras, completam-se.

Um filme deve ser pensado sob uma música que se aproxime da temática proposta pelo cineasta, bem como a literatura pode beber na fonte do cinema para carregar suas “imagens” de realismo, de prática humana consistente e não meramente fictícia ou filosófica – quando não for esta a intenção de seu escritor. Assim, do diálogo com **Vidas Secas** percebemos duas nuances fundamentais: como filmar com base no livro e como escrever com base no filme. Deste modo, desenha-se a imagem mostrando o que o texto, solitariamente, não é capaz de expressar. Enfim, sobre este aspecto, convêm invocar as palavras do autor:

Um texto (literário ou cinematográfico) fala por seus procedimentos estilísticos e não pelo eventual caráter fotográfico de sua escrita. Ver um filme não se reduz a uma leitura direta do que vemos na tela no momento da projeção, nem ler um livro se reduz à imediata identificação das palavras impressas no papel.⁷

Assim, podemos inferir que a imagem é texto, é som, é sensação, não meramente um conjunto de movimentos que os atores parecem encenar.⁸ Baseado nessa proposição é possível pensar em imagens criadas mentalmente quando se ouve um rádio, ou seja, não é necessário assistir a um filme, a uma novela ou a uma peça teatral



⁶ AVELLAR, José Carlos. **O chão da Palavra**: cinema e literatura no Brasil. Rio de Janeiro: ROCCO, 2007, p. 48.

⁷ Ibid., p. 55-56.

⁸ Ibid., p. 57

para ter contato com as imagens. Elas acompanham a mente a todo o momento, são ao mesmo tempo guias e guiadas. Primeiro porque são elas que nos fazem entender o que acontece à nossa volta, segundo porque um conjunto de crenças, ideologias, e conhecimentos prévios remete-nos a elas. As imagens possibilitam o movimento do texto, sem elas o texto vagueia sem sentido, fica na “imagem” preto e branco na qual é representado no papel.

A relação entre cinema e literatura estreita-se, ainda mais, em:

De certo modo, o cinema aprendeu a contar histórias com a literatura, com os letreiros que cortavam a cena funcionando como imagens que faltavam aos filmes, preenchendo os vazios da imagem. O cinema foi-se apropriando e redefinindo a escrita em função das exigências da imagem até que, aprendida a lição, antes mesmo da conquista do som, tornou-se possível fazer filmes sem letreiros explicativos. Um meio estudando a lição do outro: o cinema um leitor atento da literatura, a literatura uma expectadora atenta do cinema. Ou escrevemos diferente depois do cinema ou chegamos ao cinema porque antes inventamos modos diferentes de escrever. Ou ainda, o mais provável, inventamos uma coisa e outra ao mesmo tempo.⁹

Neste sentido, a tese defendida por José Carlos Avellar de que cinema e literatura complementam-se, sobretudo nas fases iniciais do primeiro, é pertinente. O cinema vivenciou uma evolução extremamente rápida, apoiado na literatura. Esta, além de dar-lhe parâmetros para produzir-se e reproduzir-se, acompanhou seus primeiros passos, e deu-lhe as mãos para que pudesse levantar-se e exibir-se para o mundo. Foi a literatura, e não outra arte, que possibilitou ao cinema alcançar o espaço que hoje ele tem. Foi, pois “para descobrir as histórias do século XX e descobrir como contá-las, literatura e cinema se dedicaram reciprocamente a estudar a lição do outro”.¹⁰ Além disso, ele, “o cinema se inventando como escrita capaz de escrever o jamais escrito, a palavra nunca dita [...]: foi assim, se aceitamos que ao mesmo tempo foi também por outro caminho, que a invenção se deu por meio de um diálogo com a escrita”.¹¹

Avellar, no quinto capítulo de sua obra, apresenta-nos um exemplo de cinema antes mesmo que ele existisse. **Memórias póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis, seria, pois, um pré-cinema. Se, por um lado, o narrador desta obra, o defunto, narra os fatos como se fosse um espectador deles, agiria então como uma câmera que

⁹ AVELLAR, José Carlos. **O chão da Palavra**: cinema e literatura no Brasil. Rio de Janeiro: ROCCO, 2007, p. 76.

¹⁰ Ibid., p. 92.

¹¹ Ibid., p. 93.

tudo nos conta, sem advertir-nos de sua existência. Brás Cubas, então “morre para sair de seu eu, para despersonalizar-se, para tirar-se de si como quem tira uma roupa”¹² e “morre para ser idéia e sentimento sem corpo, testemunha ao mesmo tempo presente e ausente”.¹³

Assim, Avellar supõe existir um “narrador cineasta” ou mesmo um “narrador câmera” antes mesmo que o cinema tivesse sido pensado. Para ele, há livros que mais se dão para o cinema que para a literatura. Propõe, a este aspecto, sobre **Memórias póstumas de Brás Cubas**, que “a pouca coisa em comum que existe entre a primeira transcrição deste livro para o cinema, a de Júlio Bressane, [...] e a segunda, a de André Klotzel, [...] ajuda a perceber quão variada pode ser a invenção que um livro sugere ao leitor”.¹⁴

Com efeito, todas as afirmações postas evidenciam que o cinema pode ser considerado como um conjunto de imagens que pressupõem uma ligação imediata com elementos de que dispomos do presente (imagens desse presente, da realidade vivenciada pelo contexto). Neste sentido, José Carlos Avellar levanta uma hipótese de que nada impede que um literato “assista”, ou imagine um filme antes de elaborar um livro. Ou seja, toda a história que será descrita neste livro poderá ter passado pela mente criativa do autor, com formato parecido, se não idêntico aos que são projetados num filme. Esta reflexão remete-nos às palavras de Avellar, que a isso dá dispendiosa atenção:

Se é natural que antes do filme exista um texto literário, ou uma anotação parecida com literatura, pensemos de novo [...]: antes do texto existe um filme? Ou pelo menos uma imagem [...] em movimento como a de um filme? Antes, ou ao mesmo tempo? Imagem e palavra, cinema e literatura, existem simultaneamente lá onde nasce o processo criativo? Um impulso recorre ao outro para se fazer como filme ou como romance? Imagem e palavra: uma coisa nasce da outra ou simultaneamente da outra?¹⁵

Nesse sentido, temos em **O chão da palavra: cinema e literatura no Brasil**, um livro erudito, que dialoga com a cultura em suas possibilidades e contradições,

¹² AVELLAR, José Carlos. **O chão da Palavra: cinema e literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: ROCCO, 2007, p. 95.

¹³ Ibid., p. 95.

¹⁴ Ibid., p. 101.

¹⁵ Ibid., p. 132.

colocando em evidência autor/obra/arte, discutindo as nuances presentes nos instrumentos artísticos e que, lamentavelmente, são pouco explorados.

Além disso, José Carlos Avellar trabalha com as diferenças entre o tempo da leitura de um livro e o tempo da passagem de um filme, bem como a necessidade de recortes, sobretudo no que se refere ao segundo, no qual este elemento, o tempo, é reduzido e necessita de uma condensação. Apresenta-nos, também, o lugar do narrador no filme, bem como a diferença de narração no filme e na literatura, seus percursos e caminhos.¹⁶ Outro aspecto fundamental é a atenção aplicada para traduzir o que as cenas de um filme são capazes de produzir emocionalmente, e como podem representar o texto das obras que inspiram. Nesse caso, o leitor funcionando como um autor da obra literária, criando imagens suas.

Com efeito, o livro apresenta inumeráveis exemplos de obras literárias e cinematográficas, bem como o diálogo entre elas. Enumera diversas características da cultura brasileira e o que ela representa, hoje, para os estudos que procuram abarcá-la. Todos os elementos, bem colocados em seus devidos lugares, e tendo também a liberdade de transitarem para onde a imaginação os puder transportar, serviram para que José Carlos Avellar apresentasse-nos a base em que se encontram as linguagens, mais especificamente as artísticas, ou seja, o chão, o alicerce, em que se baseiam e se sustentam as palavras. Por todos estes objetivos, a referida obra merece ser apreciada.

Boa leitura!

¹⁶ Cf. AVELLAR, José Carlos. **O chão da Palavra**: cinema e literatura no Brasil. Rio de Janeiro: ROCCO, 2007, p. 179-180.